

não podem praticar de noite? Seria cousa curiosa.

Na fronteira de França começa a notar-se já a lentidão geralmente attribuida aos povos do meio-dia. A indiferença com que os criados nas hospedarias ouvem as ordens dos viajantes, a indolencia com que as cumprem, e o vagar insuperavel com que fazem tudo, contrasta com a actividade e diligencia franceza nos outros pontos do imperio.

Em Bayonna disse a um criado da hospedaria que me fosse comprar uma caixa de phosphoros. Á minha voz voltou o rosto, mediu-me desde a cabeça até aos pés com um olhar de grandeza digno de um Ossuna ou de um Medina Celi, e foi para a janella sem me responder. Impacientei-me, approximei-me do criado, e disse-lhe com enfado:

—Então vai buscar os phosphoros?

—Lá vou, retrucou o criado; vendem-se ali de frente. Não se impaciente.

Os belgas, que jantavam n'essa occasião, desataram a rir, e eu fiz outro tanto. Isto que me aconteceu em Bayonna, repetiu-se por mil modos desde Irun até aqui. Em Miranda do Ebro, descendo da diligencia metti o pé esquerdo em um monte de lama, e puz-me a procurar com que limpasse o sapato. O maioral, que tinha palha em todas as divisões da diligencia, não se dignou prestar-me o minimo serviço. Viu o desastre, fez um gesto de admiração, e voltou-me as costas, continuando a fumar no seu charuto como a gravidade de um senador!

À meia hora depois do meio dia passámos junto da bahia de Passages, que é um dos pontos mais pittorescos da costa do norte de Hespanha, e porto muito proprio para resguardo dos navios por estar completamente abrigado de todos os lados. Mais adiante entrou na berlinda um hespanhol que indicava ter quarenta annos, e trazia comsigo um menino. Foi comigo até S. Sebastião, onde chegamos à 4 hora e um quarto.

Este hespanhol, conhecendo pelo meu modo de fallar castelhano que eu era portuguez, disse-me que tinha sido militar durante a guerra contra D. Carlos, e que lhe coubera a honra de servir como ajudante de ordens do general conde das Antas.

—Nunca vi, accrescentou elle, militar mais valente, mais affavel, mais cavalheiro e de maneiras mais francas. Morriamos todos por elle, e eu nunca na minha vida o esquecerei. Quando soube que morrera, tive pena como se fosse uma pessoa da minha familia. Os portuguezes teem poucos homens como aquelle, e os hespanhoes tambem.

Esta homenagem desinteressada às qualidades de uma pessoa que eu sempre venerei, e de quem recebi sempre finezas e obsequios, este tributo insuspeito, pago á memoria d'aquelle bravo general pela grata saudade de um estrangeiro no extremo da peninsula, causou-me sensação muito agradável, e despedi-me do militar hespanhol apertando-lhe a mão com sincera expressão de estima e de reconhecimento.

Não sei se o conde das Antas era um tactico de primeira ordem. Creio que não, e esta minha opinião não offende a sua memoria. Porém, era um valentissimo soldado, um homem de grande lealdade, um adversario generoso, de rasão muito sã, e com o talento raro de simplificar as cousas mais confusas, e de achar para ellas a expressão mais adequada, mais concisa e mais clara. Tinha qualidades de um escriptor excellente. As suas cartas eram modelos de concisão epistolar. As instrucções para o serviço militar, que eu li em 1847, escriptas de seu proprio punho, causaram-me admiração pela elegancia, facilidade e clareza do estylo. Este soldado de D. Pedro era digno do principe que teve por chefe, e a memoria dos seus serviços será, de certo, guardada pelo partido liberal como nobre monumento de honra propria.

Em S. Sebastião demoramo-nos o tempo preciso para almoçar. Ali saudamos pela primeira vez o *puchero* hespanhol, especie de comida parecida com a nossa classica vacca e arroz. Em lugar de arroz são grãos de bico, repolho cosido e feijões. Sem isso não ha jantar hespanhol, como não ha jantar portuguez de lei sem vacca e arroz. O vinho era de Navarra, muito puro, cristallino e parecido com o de Borgonha.

S. Sebastião era uma praça forte no tempo em que as praças valiam o que não valem hoje. Está situada em uma montanha, formando quasi uma ilha, e li-

gada à terra por uma lingueta bastante estreita. Ali acodem na estação competente muitas famílias hespanholas a tomarem banhos do mar.

Apenas acabado o almoço, partimos puxados por quatro tiros de magnificas mulas, que em pouco tempo nos levaram a uma povoação chamada *Hernani*, cuja igreja antiga, e uma especie de palacio que pega com ella, dizem bem com o nome do celebre bandido, que Victor Hugo immortalizou nos seus versos, e cuja vida romantica tão bella musica inspirou ao maestro Verdi.

Parecia-me que era o do velho fidalgo, aquelle palacio; que ali devia ainda existir a galeria dos retratos dos heroes que desde os mais remotos tempos abonavam a lealdade dos Silvas. *I Silva son leali. Non tradiscono i Silva.* Carlos v, o seu amor, as suas iras, e a sua generosidade magnanima; vieram-me ao pensamento, como se o drama tragico de Victor Hugo fosse uma pagina de historia. Aquelle nome de *Hernani* valêra para mim por um documento achado no archivo de *Simancas*!

E ainda não chegava com o pensamento á triste catastrophe do bandido transformado em D. João de Aragão, duque de Segorbe, de Pastrana e de Cardona, e; o que muito mais era do que tudo isso, casado com a bella sobrinha do cioso Silva, quando atravessámos uma pequena aldeia que me disseram chamar-se *Corneta*, e que se segue á de *Hernani*.

Ahi acreditei vêr o romance dos amores de *Her-*

nani, confiado á guarda da tradição popular, e tendo por padrões as duas aldeias, cujo nome e proximidade recordam o heroe, e o seu triste destino. Cui-dei ouvir nos échos os tremulos sons extrahidos da corneta pela boca do velho duque, contrahida pelo ciume e pela desesperação, e como que vi nos ares passar a sombra de *Hernani*, victima de sentimentos de lealdade, dignos dos Silvas.

Destas imaginações dos tempos cavalleirosos me veio accordar a mais portentosa manifestação do progresso da nossa era. Alli perto anda-se trabalhando no caminho de ferro do norte, e a cada legua se encontram novos trabalhos e tunneis muito consideraveis. Esqueci *Hernani* e os Silvas, Victor Hugo e Verdi, e transportei-me aos tempos em que a Hespanha estará inteiramente ligada aos caminhos de ferro europeus. Que transformação! Que aproveitamento de riquezas hoje perdidas! Que criação e desenvolvimento de prosperidade!

A Hespanha é já hoje rica e independente. Nem as loucas ambições dos Philippes, e o seu pessimo governo, nem as fraquezas de Carlos IV e da sua familia, nem os rancores que do berço ao tumulto acompanharam e affligiram Fernando VII, nem a guerra da successão, nem as desordens civis posteriores, tiveram força para acabar com esta nação. Grande era, foi grande na sua decadencia, grande nos revezes, grande nos proprios desvarios, e grande e poderosa se vai levantando do abatimento em que se deixou cair.

O que ella ha-de ser, quando entrar no concerto geral do commercio, da industria e do progresso europeu, auxiliada pela facilidade das communicações, é quasi impossivel calcular-se, principalmente se o governo hespanhol promover a instrucção popular, base principal e a mais segura da prosperidade dos povos, e da sua energia e actividade nos trabalhos da civilisação.

Às 5 horas da tarde chegámos a Tolosa. Perguntei a um homem d'ali como se chamava o rio que passa junto da cidade. Respondeu-me que não sabia. «Estou aqui ha seis annos, continuou elle, e ainda lhe não ouvi o nome!»

Tolosa, Villa Real, Pancorbo, e outras terras que atravesssei, recordaram-me a guerra de D. Carlos, os feitos heroicos dos seus partidarios e dos defensores de Isabel, e ao passar por Vergara, lembrei-me tambem da traição de Maroto, precedida pelo fusilamento dos generaes. A passagem de Pancorbo é um caminho estreitado por montanhas, cujos cimos como que forcejam para unir-se, formando um tunnel natural. Um batalhão de caçadores pôde n'aquellas apertadas gargantas destroçar impunemente um exercito, e ali soffreu o de Napoleão I, na retirada para França, terriveis ataques das guerrilhas hespanholas.

A lembrança da traição de D. Raphael Maroto trouxe-me á idéa um problema que ainda não achei resolvido, e que merece, todavia, a attenção das pes-

soas intelligentes. Na luta europeia entre a liberdade e o absolutismo, este tem sido sempre mais ou menos trahido pelos seus sequazes. Qual é a rasão philosophica d'este estranho phenomeno?

A sua existencia não se póde negar. Os proprios interessados o confessam e allegam. O sr. D. Miguel contou traidores entre os seus. O partido realista dava esse nome a diversos, cuja austera fidelidade se manifestou depois. A suspeita era geral. O sr. D. Carlos viu cortadas as suas esperanças por uma traição espantosa. Ultimamente o rei de Napoles queixou-se repetidas vezes de desventura igual.

Será por ser a crença absolutista debil e tibia, como o paganismo nos ultimos seculos da sua existencia? Será porque a idéa nova vai ganhando os animos, e conquistando-os para si com o ardor de proselytismo com que o christianismo recrutava nos primeiros seculos da igreja entre os seus inimigos mais encarniçados? Esses convertidos serão novos santos politicos que ouviram a voz celeste chamando-os á lei da graça? Não sei.

Não quero fazer a apotheose da traição, nem pretendo sustentar que essas mudanças são todas conversões sinceras como a do apostolo S. Paulo. O problema ahi fica. Resolvam-o como poderem. As traições no campo liberal são raras. No outro são fréquentes. Achada a causa, estará resolvido o problema.

As tres horas da manhã de hoje cheguei á Victo-

ria, onde tomei chocolate em umas chavenasitas, das quaes quatorze não metteriam medo a qualquer portuguez, e ás quatro da tarde apeei-me em Burgos no hotel Victoria, defronte de um bello quartel de cavallaria, reedificado no tempo de Fernando VII.

O hotel está cheio de gente, francezes, inglezes, hespanhoes de todas as provincias, senhoras, e algumas elegantes e formosas, officiaes de diversas armas, generaes, padres e pessoas de todas as classes e condições.

Vou vêr essa gente reunida na sala de jantar, para onde todos se dirigem ao segundo toque de sineta. Tenho vontade de comer, e esta exigencia do estomago pede satisfação immediata e completa. É força obedecer.

Dos trabalhos que passaram os ossos do Cid, e de como os hespanhoes gostam de estatuas e os portuguezes não—Burgos e a Batalha—O caminho de ferro—Uma familia romantica e um padre.

Burgos, 5 de março de 1851.

Tive pena de chegar hontem aqui já perto da noite, e muito cansado! Desde que em Bayonna me disseram que tinha de demorar-me 17 horas e meia em Burgos, fiz logo tenção de ir vêr a Cartuxa de Miraflores, o mosteiro beneditino de S. Pedro de Cardenhas, e aquelle convento das Huelgas, do qual

A real Branca, de Lorvão senhora, teve o baculo de abbadessa, a que, segundo dizem por aqui as pessoas entendidas, andam unidas as honras de bispo. Pois não fui a nenhum d'esses sitios. Hontem era tarde: hoje, por outras rasões, não poude ser.



Sempre ouvi dizer que a cartuxa de Miraflores era uma das obras mais completas do gothico florido do xv seculo, e o nome do architecto João de Colonia é, por essa rasão, conhecido de quantos amam os livros de pedra, que nos deixou uma época, que mal tinha outros em que escrevesse os seus feitos extraordinarios. O tumulo de D. João II, de D. Isabel e de D. Affonso, seu filho, já eu vi em um jornal com estampas, e lembra-me que me causou magoa observar o triste estado em que os francezes o puzeram no tempo da guerra de Napoleão. Este convento avista-se, ao entrar em Burgos do lado de França, ao lado esquerdo da estrada, e a tres kilometros de distancia da cidade.

S. Pedro de Cardenhas é mais longe uns quatro ou cinco kilometros, porém basta saber-se que nelle está a sepultura do Cid para ter vontade de lá ir. Ali foi enterrado Rui Dias de Bivar, chamado o Cid campeador; seus paes Diogo Laines; e D. Theresa; suas filhas, rainhas de Navarra e de Aragão; seu filho D. Diogo Rodrigues, que os mouros mataram em Consuegra; e varios outros membros da familia ou capitães do commando do valeroso Garibaldi d'aquellas éras.

Todas estas visinhanças da capital de Castella-Velha conservaram tradições numerosas ácerca do Cid. Velhos, moços e creanças sabem feitos assombrosos do illustre capitão, e se podessem reunir-se em um livro todas essas historias, nem a de Carlos Magno

e dos seus doze pares de França lhes deitaria agua ás mãos.

O povo conta mil successos do nobre filho da aldeã castelhana de Bivar, a classe media põe a cargo do Cid quantos assombros de valor ouviu contar, embora praticados por personagens de outra época, e os nobres além de não despresarem a occasião de se inculcarem como parentes, procuram quando se falla do Cid mostrar-se graves e carrancudos, como cumpre a quem de tal raça procede. Eu ouvi a um cirurgião de Burgos uma anecdota muito conhecida do imperador Frederico II, que o bom do *matasanos* applicava ao Cid com o maior desembaraço, e como se elle tivesse assistido ao caso!

Quando eu estava lamentando não ter podido visitar o tumulo do afamado campeão da Castella, disse-me o cirurgião que, se tanta curiosidade e desejo tinha de me aproximar da carcomida ossada do Cid, o negocio era mais facil do que eu cuidava, porque desde 1842 que não estava no mosteiro.

—Como? Não está no mosteiro? disse eu. Então roubáram os ossos do Cid?

—Deus nos defenda de tal. Não, senhor. Ninguem os roubou. A camara municipal mandou-os tirar do sepulchro, e estão nos paços do concelho em um magnifico caixão de madeira depositado em luzido oratorio, onde se diz missa por alma do campeão.

—Ora essa! Mas para que foram bulir nas cinzas

do mais afamado entre todos os castelhanos? Para que as quer a camara de Burgos perto da sala das suas sessões?

— Para que os viajantes as possam visitar com maior facilidade.

— Então o caixão abre-se?

— Nada. Não, senhor. O caixão está hermeticamente fechado.

A esta não repliquei, e despedi-me do cirurgião sem querer ir ver o tal caixote municipal, em que arumáram os ossos do Cid.

Aborreceu-me este destempero do municipio de Burgos. Não gosto de que perturbem a paz dos sepulchros. Que ao menos ali o repouso não seja interrompido. Eu creio que se profanáram os ossos do Cid, arrancando-os daquelle mosteiro, que era seu, e onde o campeador, cercado da sua familia e dos seus melhores amigos, aguardava a hora tremenda do juizo final.

Talvez que isto seja da minha parte uma exaggeração de respeito pelos mortos. Não digo que não. Dos meus defeitos são os outros melhores juizes do que eu proprio. Entretanto, que diriamos nós, os portuguezes, se um curioso de exposições ou um zeloso das commodidades dos viajantes, fosse á Batalha, e pegasse nas cinzas de D. João I e de D. Filippa, e as levassé para os paços do concelho de Leiria? Este modo iniquo de desconjuntar os ossos da familia de Aviz, este divorcio, destruindo o enlace mo

ral do mosteiro com o seu fundador, seria, no meu entender, uma profanação abominavel. O caso do Cid é igual a este, e que me perdôe o illustre senado de Burgos, merece a mesma censura.

Sabi, pois, de casa sem tenção de ir ver o tal desacato municipal, e fui passear nas ruas da cidade, que, quasi todas, teem nomes de personagens historicos da familia ou do sequito do campeador.

Burgos tem monumentos importantes, praças bonitas, passeios agradaveis, e mesmo algumas estatuas. A de Carlos III, mandada fazer por um particular, orna uma das praças da cidade, e faz côro com mil outras recordações daquelle soberano, que se encontram em todas as cidades da Hespanha. No passeio a que chamam *Espolon* tambem ha quatro estatuas, de Fernão Gonçalves, Fernando I, Affonso XI e Henrique IV, porém não são de bronze como a de Carlos III.

Eu gosto immenso de estatuas, não só porque engrandecem as ruas e praças, e como que as animam e allumiam com o clarão de gloria que cerca os verdadeiros heroes, mas tambem porque mantem vivas no povo as tradições honradas, a memoria das boas acções, e o sentimento de respeito e de estima devido á virtude.

O povo portuguez não é deste parecer, e não me consta que levantasse estatua senão ao famigerado Longuinhos, que deu a lançada em Jesus Christo. El-Rei D. José, se quiz uma estatua, e o marquez de

Pombal um medalhão com o seu retrato, tiveram de se decretarem a si proprios essa honraria, e de a mandarem executar á custa do thesouro!

Esta repugnancia é quasi invencivel em Portugal. A propria estatua de D. Pedro, que devia ser executada rapidamente, e inaugurada entre clamores entusiasticos do povo que o duque de Bragança libertára, foi adiada para as kalendas gregas. A de Camões ha de realizar-se com difficuldade, e a do duque da Terceira, se não estivesse ligada aos sentimentos elevados e gratos da classe militar, nunca passaria de projecto!

É singular esta aversão que temos ás estatuas! E não é por falta de heróes a quem as consagremos. Qual seria a praça de Lisboa que se não honrasse de ter no centro a estatua do infante D. Henrique? E as de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama, de Nicoláo Coelho, do Zargo, de Pedro Alvares Cabral, e de tantos outros portuguezes, celebres pelas viagens e descobertas com que tanta gloria deram ao reino, e tanto proveito á humanidade?

A lista seria longa, se a quizessemos completar com os nomes de todos os nossos compatriotas que não só por viagens e descobertas, mas por feitos e virtudes de grande monta, tornáram respeitavel no mundo o credito da nação portugueza.

Não ha um monumento que recorde a guerra da independencia, em que o nosso exercito ganhou titulos de gloria, que ainda hoje lhe dão nome na

Europa. Já não fallo dos successos posteriores, com quanto a introduccão do systema liberal fosse, a meu ver, um progresso e um grande beneficio; esta idéa não é geral, e não se devem levantar estatuas que possam ter quem antes as apedreje do que as venerere, porém não se dão as mesmas razões ácerca dos tempos passados, que a historia appreciou, e em que todos estão de accordo.

Mas então que querem? Nós somos assim. O ostracismo não nos desagrada. O triumpho e marcha para o Capitolio, esses atacam os nossos nervos, excepto quando somos nós os triumphadores. As nações pequenas teem destas cousas. A Hespanha, que é maior do que nós, admite estatuas. A França neste ponto ainda é mais tolerante do que a Hespanha; e a Inglaterra, essa grande nação, cujo movimento maritime, commercial e industrioso, lhe não dá tempo para invejas pequenas, está povoada de monumentos levantados em honra dos cidadãos mais distinctos. Londres tem praças em que se avistam duas, e mesmo quatro estatuas.

Como sabia o caminho, fui-me dirigindo para a cathedral, que eu já tinha examinado detidamente em 1854. É pena que este portento architectonico do seculo XIII esteja encoberto por diferentes edificios que com elle pegam ou lhe estão mui perto. A apparencia externa, que seria esplendida se a igreja estivesse isolada, é agora quasi nulla, e só de mui longe é que se póde gozar bem o effeito daquellas

pontas de pedra arrendada, mas delicadas e transparentes como as da Batalha.

Em um dos edificios que prendem com a cathedral, observei as armas da familia Portocarreiro em escudo coberto com chapéo de cardeal, e na mesma casa, em outro escudo, notei uma banda com a cruz dos Pereiras e as nove cunhas dos senhores de Taboa e Ouguella, tendo em volta, alternados, o leão e o castello hespanhoes, e as quinas portuguezas. Estes ornatos heraldicos tornaram-me a apparecer em varios pontos da cathedral.

De quem fossem essas armas, quem as mandára esculpir ali, que cardeal fôra aquelle, e que valor genealogico podem ter todas essas cousas, são indagações de que sou forçado a abster-me, por me não ser possivel leval-as ao cabo com a diligencia e bom resultado que os Portocarreiros, os Pereiras e os Cunhas teriam direito de exigir de mim. Fiquem, pois, sabendo todos os descendentes masculinos e femininos de tão respeitaveis familias, que junto da cathedral de Burgos, em um palacio velho que pega com a igreja, se avistam, em ponto grande, os xadrezes dos Portocarreiros, a cruz floreteada dos Pereiras, e as cunhas dos Cunhas.

Eu podia passar por estas reliquias nobiliarias sem lhes tirar o chapéo, porém não quiz. Pareceu-me que ao vêr um progressista de seculo xix parar diante d'esses hieroglyphicos de armaria, exultariam no tumulto as velhas caveiras dos ricos homens de sangue.

pendão e caldeira, teriam calafrios de jubilo os femurs e tibias resequidas dos infanções da nossa terra, e tremeriam de entusiasmo as costellas carcomidas de todos os fidalgos de cota de armas, solar conhecido e antiga linhagem. E então, por tão pouco, fôra mau gosto meu recusar a esses defuntos illustres dois minutos de contentamento.

Vós todos que descendeis de gente graúda com assento nos tres Estados, já se sabe, nos bancos da nobreza, que tendes por avós todos os reis godos conhecidos, e alguns que a historia se esqueceu de registrar, e que podeis provar com certidões de baptismo ¹ a pureza da vossa linhagem desde Romulo até aos nossos dias, alegrae-vos. Os escriptores modernos, os liberaes deste tempo, param diante dos symbolos da vossa gloria, e saudam-os com veneração. São monumentos historicos, são ruinas do passado, que o povo respeita, já que nem sempre o fazem aquelles a quem esse dever incumbia.

Entremos na cathedral, mas por pouco tempo, visto que a não quero descrever, mas simplesmente dizer a sensação que me causou agora, e a que experimentára em 1854. Posso já affirmar que foram iguaes. O que senti então, tornei a senti-o pela segunda vez sem modificação alguma.

¹ Assim o ouvi em 1832 a um respeitavel commendador de Malta que prometteu mostrar-me os documentos. Infelizmente nunca mais tive occasião de lhe pedir que me deixasse ver as taes certidões do baptismo.

A cathedral de Burgos é uma maravilha; obra dos anjos lhe chamava Philippe II. Muito bem. As tres naves são magnificas, as capellas são riquissimas: tudo é grande e bello. Muito bem. Mas tudo é no genero gothico florido, que não me agrada muito, e, além d'isso aquelles relevos de pedra são coloridos, o que eu acho horroroso.

O excesso dos ornatos, os quadros, estatuas e mil outras coisas com que está sobrecarregada a cathedral de Burgos distrahem-me da idéa christã que mal encontro alli. A arte, em vez de me dar uma inspiração completa, convida-me ao exame dos promenores do templo, e o meu pensamento desvia-se da senda religiosa, e quasi se faz pagão. Na igreja da Batalha não se dá este inconveniente.

A pureza gothica da architectura como que chama o homem para a divindade. A idéa divina apossa-se de nós, e infunde-nos a sua força inteira; mas a comunicação espiritual entre a terra e o céu não é interrompida, como na cathedral de Burgos, por mil ademanes e requebros com que os caprichos do architecto nos estão tentando e distraindo. Na igreja da Batalha sente-se o homem na presença de Deus. Em Burgos tambem, mas entre Deus e o homem está o mundo, e mundo mais gentio que christão.

A idéa de Deus é uma idéa simples. A sua representação deve ser simples como ella. D'ahi a sobriedade interna da architectura da Batalha. A idéa da grandeza humana é complexa, e póde ter tantas

faces como o diamante lapidado. A sua representação póde, e deve ser, complexa como ella. D'ahi a opulencia architectonica das capellas imperfeitas no primoroso mosteiro de D. João I. A magnificencia exterior representa o culto, e deve ser pomposa como elle é, porém o *Sancta Sanctorum*, esse requer architectura tão magestosamente simples como é de dia a abobada celeste.

De tudo isto se conclue que, sem entrar em discussões da arte profana, eu prefiro á cathedral de Burgos a igreja da Batalha. Não se offendam os nossos amigos hespanhoes. O Deus dos exercitos tambem nos preferiu a elles em 1385, e de 1640 a 1688, e nem por isso ficaram de mal.

Ahi teem a sensação que me causou o famoso monumento castelhano. Agora, se querem saber como é a capella do condestavel de Castella, D. Pedro Fernandes de Velasco, e as outras capellas não menos notaveis, e os quadros, entre os quaes ha preciosidades artisticas da escola italiana, abram o livro de Theophilo Gautier, e desculpem-me de lh'o não copiar aqui, como faz muito boa gente cá pelos paizes estrangeiros.

E o mais é que o fazem sem citar o autor. A mim me aconteceu vêr o meu livro ácerca de Portugal extractado por um sujeito a quem incumbiram de me fazer concorrência, e tão de alma tomou o encargo, que, á força de querer prejudicar-me, se prejudicou a si proprio. Porém isto não é para aqui.

É negocio que merece ser tratado á parte, e ha-de sê-lo.

Lembram-se d'aquella historia que se conta do Cid, que, depois de morto D. Sancho defronte de Zamora ás mãos de Bellido Arnulfes, obrigára el-rei D. Affonso vi a jurar que não fôra cúmplice d'esse attentado? Pois dizem que a cêremonia do juramento se verificára na capella de Santa Agueda desta cathedral. Eu não obrigo os leitores a acreditarem esta historia: pelo contrario, custa-me a crêr que o bom do Cid tivesse taes escrupulos. Já exprimi em outra parte esta opinião, e ainda não tive razão para mudar de parecer.

Se me não engano, o leitor deve começar a ter vontade de deixar Burgos. Tem razão, mas que quer que eu lhe faça? Dezesete horas e meia não são tres quartos de hora, e já que fui condemnado a esta demora, é força que o leitor, meu companheiro de viagem, se resigne a ver o que eu vi, a andar por onde andei, e a ouvir as historias que me contaram a mim. Não se assuste. O peor está passado. Nós vamos partir de Burgos.

O trem do novo caminho de ferro parte amanhã ás dez horas da manhã. Que pena é que não chegue já até Bayona pelo norte, e até Badajoz pelo sul. Deus me conserve a vida até ver a península inteira ligada ao resto da Europa por caminhos de ferro. Então sim, que se ha-de abrir uma nova era de prosperidade para o vasto territorio das Hespanhas.

O caminho de ferro do norte ha-de receber os passageiros e as mercadorias em Irun, onde a linha franceza virá trazer-lh'os de Bayona. De *Irun* toma á direita para o lado do mar, passa junto da serra de *Jaizquibel*, vai a *Renteria*, a *Passages* e a *S. Sebastião*. D'alli sóbe ao valle de *l'Uruméa*, passa em *Hernani*, segue o curso do *Oria*, e tem estações em *Andoain*, em *Tolosa*, *Beasain* e *Villafranca*.

De *Villafranca* a *Zumarraga* e *Villa-Real* o caminho de ferro é obrigado a tomar a direcção do oeste por causa das montanhas, e assim mesmo sobejam-lhe os tunneis e obras de arte. Ahi as difficuldades do terreno são enormes; o caminho de ferro escolhe a direcção do sul, entra no valle de *l'Urola*, passa um tunnel de 400 metros, toca em *Cegama*, onde jaz *Zumalacarregui*, e atravessa a montanha de *S. Adrian* em um subterraneo de 2,700 metros, que o leva á *Navarra* perto do *Alsasua*.

Neste ponto virá encontrar-se a linha de *Pamplona*. A do norte continúa para *Victoria* por *Salvaterra* e *S. Roman*. De *Victoria* vai a *Miranda do Ebro*, e atravessando o *Zadorra* e o *Ebro*, e subindo pela margem do *Oroncillo*, entra n'aquellas gargantas de *Pancorbo*, onde a aspereza do terreno e as aguas afferecem obstaculos quasi insuperaveis. Vencidos estes obstaculos, toca em *Briviesca*, atravessa a aldêa de *Monasterio*, e passando em um tunnel de 800 metros descança de taes fadigas nas planicies de *Burgos*, onde logo irei fazer conhecimento com elle.

Esta linha de que o meu amigo Germond de la Vigne deu uma descripção exacta, a qual eu extractei aqui, está muito adiantada; porém os trabalhos são de tal difficuldade e preço, que é indispensavel fazerem-se lentamente.

Agora vou almoçar. A hospedaria é excellente, a comida boa, e o vinho de Aranda, se não é tão bom como o vinho navarro de S. Sebastião, é puro e tem bom gosto. Ao menos n'esta terra ha vinho ordinario para beber, o que observei no anno passado que falta em Portugal.

Ao almoço encontrei uma familia hespanhola; que chegou hontem á noite em carruagem de posta, e da qual um padre me contou cousas muito romanticas.

Estes padres são temiveis. Sabem tudo, e adivinham o resto!

VI

*Prosegue a viagem — Aben-Affan e o amor — Des-
ponta um personagem do romance — Garrett, Pal-
mella e o duque de Rivas — Os portuguezes
finchados.*

S. Chidrian, 5 de março de 1861.

São seis horas e meia da tarde. É a hora marcada para chegar a S. Chidrian o trem que parte de Burgos ás dez horas da manhã, e, com effeito hoje contra o costume, segundo dizem, o caminho de ferro hespanhol foi pontual como um inglez. Explicaram-me a razão, mas eu não a posso dizer sem ser indiscreto, mal creado e até ingrato. Vejam que tormenta de epithetos por tão pouca cousa. Não tenham medo que eu diga. Cá estou, e ainda bem.

À saída de Burgos vê-se à direita o mosteiro das Huelgas, edificio antiquissimo, segundo indica. O convento tem uma cêrca, cuja vegetação é enfezada como toda a vegetação castelhana, e os muros pare-

ceram-me mesquinhos e improprios do mosteiro. Apesar d'isto, ha no todo um certo ar de grandeza senhoril, que não desdiz da alteza de uma infanta. Não nos envergonhemos, pois, de que a real Branca deixasse Lorvão para tomar o baculo de Huelgas.

Como era mui plano o terreno, via-se o mosteiro ainda depois de termos percorrido grande distancia. Emquanto, pois, o trem se dirigia para as estações de *Quintanilleja* e de *Pampliega*, deixei-me eu engolphar nas recordações do poema do nosso immortal Garrett. Não foi a scena comica da *Tremenda* que me veiu á imaginação; nem os receios da real comitiva ao ver luzir nas montanhas a atalaia mourisca, me fizeram então lembrar aquelles dois versos tão chistosos:

Nem sempre cousas más se vão com rezas,
E às vezes é peor, porque se assanham.

O meu espirito não estava propenso a cogitações alegres, e se cheguei a lembrar-me do mercador Rodrigues, da bella Oriana e dos cavalleiros que obrigaram o diabo a exclamar:

..... arrependi-me
De pôr tão fino mel em boca de asno

foi transicção rapida para me entregar inteiramente á recordação da sorte de Aben-Affan.

Mal aventurado principe! O destino de um reino, o futuro de um povo, a conservação de uma crença,